

“O meu Deus é um Deus ferido”

Tomáš Halík

“O meu Deus é um Deus ferido”, do padre checo Tomáš Halík, que a Paulinas Editora lançou nas livrarias recentemente, é uma «profunda reflexão sobre o «evangelho de Tomé» (Jo 20,19-29)» que tem como pano de fundo «a miséria social e a pobreza espiritual». «Estes problemas, precisamente, são a «chagas» de Cristo que é preciso tocar. “Se os ignoramos – diz o nosso autor –, não temos o direito de proclamar: “Meu Senhor e meu Deus”», refere a nota de apresentação do volume.

O sacerdote e filósofo Tomáš Halík (n. 1948) tornou-se conhecido pelo seu empenho num diálogo construtivo com não-crentes e crentes de outras tradições religiosas, tendo por esse motivo recebido, em 2014, o Prémio Templeton, no valor de 1,3 milhões de euros, um dos maiores do mundo atribuídos a pessoas individuais. Entre as suas obras incluem-se “Paciência com Deus” (“Melhor Livro Europeu de Teologia de 2009/10”) e “A noite do confessor”, publicadas em Portugal pela mesma editora.

Em 1978, na clandestinidade, foi ordenado sacerdote e tornou-se um dos assessores mais próximos do cardeal Tomášek, figura emblemática da chamada “Igreja do Silêncio”. Após a queda do comunismo, foi nomeado conselheiro do presidente Václav Havel e, posteriormente, secretário da Conferência Episcopal Checa.

Do livro, e que foi originalmente publicado em 2008, apresentamos a transcrição do primeiro capítulo, intitulado “A porta dos feridos”.

“A porta dos feridos”

Tomé, um dos Doze, a quem chamavam o Gémeo, não estava com eles quando Jesus veio. Diziam-lhe os outros discípulos: «Vimos o Senhor!» Mas ele respondeu-lhes: «Se eu não vir o sinal dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito.» Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez dentro de casa e Tomé com eles. Estando as portas fechadas, Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: «A paz seja convosco!» Depois, disse a Tomé: «Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas fiel.» Tomé respondeu-lhe: «Meu Senhor e meu Deus!» Disse-lhe Jesus: «Porque me viste, acreditaste. Felizes os que creem sem terem visto! (Jo 20,24-29)

Li este Evangelho até ao fim, retirei-me do ambão e fui novamente ocupar o meu lugar. Era de manhãzinha e a catedral de Madrastra [Índia] estava ainda mergulhada na penumbra, silenciosa e quase vazia. A Índia estendia-se diante de mim como um multicolor tapete de flores, ornado e guarnecido de muitos lugares sagrados – ali estava eu, a caminho de Bodh Gaya, o lugar da iluminação de Buda, de Sarnat, onde o “Iluminado” fez o primeiro discurso aos seus discípulos, de Varanasi, nas margens do Ganges, o destino mais sagrado de peregrinação dos Hindus, de Mathura, a cidade natal de Krishna –, mas aqui em Madrastra, no coração do cristianismo local, onde desde sempre foi venerado o túmulo do apóstolo Tomé, padroeiro das Índias, senti-me realmente, por um instante, como em casa – graças também ao texto já familiar.

Nesse momento, ainda captei e entendi a perícopes recitada do Evangelho de S. João como sempre antes a percebera e como habitualmente é interpretada: Jesus, pela sua aparição, livrou de todas as dúvidas o apóstolo cético, sobre a realidade da sua ressurreição; do «incrédulo Tomé» fez-se, de súbito, o crente.

Nesse momento, eu ainda não pressentia que, graças a um evento, o texto se iria abrir, outra vez, para mim, e falar-me de um modo inteiramente diferente e mais profundo – e que, até findar o dia, o maior mistério da fé cristã mostrar-se-me-ia a uma nova luz: a ressurreição de Jesus e sua divindade. E mais ainda: Esta nova perspectiva conduziu-me, a pouco e pouco, a um certo caminho da espiritualidade de que, até agora, nada sabia. Mostrou-me «a porta para o incrédulo Tomé» – “a porta dos feridos”.

A fé cristã consiste em estabelecer uma relação constante entre o Evangelho e a nossa vida; consiste na coragem de «entrar nesta história». Trata-se de tentar redescobrir, de forma sempre nova e

mais profunda, o sentido das narrativas bíblicas, com base nas próprias experiências de vida, deixar atuar as possantes e fortes imagens do Evangelho para que elas, gradualmente, iluminem, interpretem e transformem o fluxo da nossa vida pessoal.

Muitos acontecimentos, vivências, ideias e intuições do instante precisam do seu tempo para em nós amadurecerem e darem fruto. Doze anos se passaram desde a minha peregrinação à Índia. Estou novamente sentado, neste momento, no silêncio e na solidão do eremitério, no meio da floresta, em plena Renânia. Após uma tempestade noturna, o cume da montanha está todo coberto de uma névoa densa, através da qual só lentamente e a custo abrem caminho os primeiros raios da manhã; nuvens baixas cobrem todo o vale em redor. Começo, pois, no meio da nuvem, a escrever este livro, outra tentativa de «dar razão da minha esperança».

«Deus morreu – fomos nós que o matámos, vós e eu!» Quantas vezes já citei este veredicto fatal de Nietzsche, tirado de “A gaia ciência”, em que «o louco» (o único a quem é permitido proferir verdades incômodas) anuncia “aos que não acreditam em Deus” o seu diagnóstico do mundo; dá a conhecer ao mundo que ele perdeu a base das suas anteriores certezas metafísicas e morais. Noutro livro de Nietzsche, pode encontrar-se também uma passagem, mas menos conhecida e menos citada, a descrição da morte dos deuses antigos: quando o Deus dos Judeus se proclamou como o único Deus, todos os deuses, segundo se conta, prorromperam num riso tão sarcástico que, perante esta arrogante tolice, morreram de riso.

«A religião está de volta»: ouvimos hoje, muitas vezes, de todos os cantos do nosso mundo. As opiniões diferem apenas sobre se isso é bom ou mau – e talvez também a propósito de onde, quem, ou o que é que, realmente, está de volta. Regressa o único Deus, «o Deus de Abraão, Isaac, Jacob e Jesus», em que acreditam judeus, cristãos e muçulmanos, ou antes, o «Deus dos filósofos», o Ser Supremo – a invenção do Iluminismo, o adorno das proclamações e preâmbulos políticos das Constituições? Regressa um Deus que, serenamente, pode responder aos corações humanos ressequidos e cura as feridas, ou um deus da guerra e da vingança que, ao invés, causa dores e agravos? Ou deveremos, antes, alegrar-nos com a nova chegada dos ídolos antigos, trocistas, sarcásticos?

Conta-se acerca de S. Martinho que, um dia, Satanás lhe apareceu até sob a figura de Cristo. Mas o santo não se deixou enganar: «Onde estão as tuas chagas?», perguntou.

Com toda a abertura espiritual, confesso que não sou partidário da simpática «tolerância sem limites», que é, antes, uma expressão de indiferença e de preguiça intelectual, se é que não desiste mesmo do esforço de um cuidadoso discernimento e «separação dos espíritos». Não será, pois, ingénuo e perigoso ignorar que há também «imagens de Deus» destrutivas, e que até nas mais venerandas tradições dormitam símbolos, doutrinas e histórias que facilmente se podem refundir e moldar em armas em vez de arados? As religiões, como tudo o que é grande e existencial na vida, têm os seus riscos e perigos. Por isso, com o apóstolo Tomé e S. Martinho, a todos os que, após a «morte de Deus» ou o colapso dos ídolos irónicos, se candidatam ao trono vago, suplico: «Mostrai-me, primeiro, as vossas chagas!» Já não acredito em «religiões sem chagas».

Sim, esforço-me, já há anos, por estudar e compreender, com apreço e abertura, os mais diversos caminhos religiosos. Percorri uma boa parte do mundo, e o que consegui ver e conhecer não me autoriza a permanecer na lógica elementar do «ou-ou» (se dois homens são de opinião diferente, então um deles, pelo menos, estará enganado). Tenho a consciência de que, quando alguém diz e pensa algo diferente de mim, isso se pode dever apenas a que ele vê as coisas a partir de outro ponto de vista, de outra perspetiva, de outra tradição ou experiência; que ele se expressa numa outra «linguagem» – que, portanto, a disparidade das nossas conceções e afirmações não desmente nem rebate forçosamente a sua ou a minha pretensão à verdade; de igual modo, tal divergência também não porá em causa a sua ou a minha honestidade e sinceridade. Sou, ao mesmo tempo, consciente de que este conhecimento não tem necessariamente de levar a um relativismo cómodo e resignado («cada um tem a sua verdade»), mas, antes, a um esforço de, pelo diálogo recíproco, pela troca de experiências, alargar os horizontes pessoais, sempre necessariamente limitados, e, nesse diálogo com o outro, aprender igualmente a conhecer-se a si mesmo.

Aprendi a respeitar as muitas e distintas sendas pelas quais os seres humanos tentam penetrar no derradeiro mistério da vida. Creio que esse «mistério supremo» excede infinitamente todas as representações e todos os nomes que nós, homens, a ele associamos. Sim, creio em um só Deus, Pai de “todos” nós, do qual nenhum homem individual nem nenhuma das «instituições religiosas» ou os seus representantes detêm o «monopólio»; confio e tenho a esperança de que Ele é a foz ou confluência definitiva também dos rios mais meândricos e tortuosos; que para ele se dirigem, ao fim e ao cabo (para lá de todas as fronteiras entre diferentes sistemas e culturas religiosas), os caminhos de todos os que, guiados pela luz das suas tradições, da sua ânsia de verdade, da sua consciência moral e do seu conhecimento, sinceramente, buscam e veneram o mistério último da vida.

Não sou nem o onisciente nem o omnividente – não me cabe emitir juízos definitivos e infalíveis sobre os outros e sobre a sua fé pessoal, porque não posso perscrutar os seus corações e também não enxergo o último fim e a meta da sua peregrinação. Mas ninguém pode arrebatá-me a esperança de que «o Deus dos outros» seja, em última instância, também o «meu Deus»; porque o Deus em que acredito é igualmente o Deus daqueles que não conhecem o Nome, com que eu o invoco.

Todavia, de um só fôlego, acrescento e confesso: “para mim”, não há outro caminho, não há outra porta para Ele, exceto aquela que é aberta por uma mão chagada e um coração trespassado. Não posso clamar «“meu” Senhor e “meu” Deus», se não vir a ferida que chega ao coração. Se «*credere*» (crer) deriva de «*cor dare*» (dar o coração), então, devo confessar que o meu coração e a minha fé pertencem apenas ao Deus que pode mostrar as suas chagas.

A minha fé e o meu amor são uma só coisa, e ninguém pode arrebatá-me o amor ao Crucificado, pois ele é a resposta ao seu amor por mim: «Que é que poderá separar-me do amor de Cristo?» Do amor que se legitima pelas suas chagas. Não estou em condições de proferir as palavras «meu Deus», se não vir as suas chagas! Mesmo em face da mais refulgente visão religiosa teria, provavelmente – pese a toda a franqueza – a minha dúvida, se não se trataria de uma ilusão, da projeção dos meus desejos, ou até do próprio Anti-cristo – se ela não apresentar «as cicatrizes dos cravos». O meu Deus é um Deus ferido.

Se alguém achar contraditório o que acabei de professar, então eu admito que também sinto isso: é esta a verdadeira tensão da minha fé. Cheio de esperança e de confiança, volto-me para Deus que, generoso e liberal, aceita a diferença dos seus filhos, e cujo seio está aberto numa vastidão que nos é incompreensível. No entanto, isto significa, ao mesmo tempo, que não posso saber com «certeza» onde residem os limites de tal amplidão, e não posso pressupor, com ingenuidade, que ela simplesmente «tudo» abarca. Devo preservar o respeito, perante o outro ou, pelo menos, perante a honestidade e a sinceridade do seu ato de fé; se, porém, hei de dedicar-me de alma e coração a alguma coisa, devo indagar os seus frutos.

Na religião, tal como nas outras esferas importantes da vida, há valores essenciais, preciosos e insubstituíveis, mas também outros que apenas se fazem passar por tais – poderiam igualmente ser ervas daninhas e plantas venenosas. E ao contrário do que muitos pensaram e ainda hoje pensam, não há campos (a saber, os nossos) em que cresça apenas uma boa colheita, e outros, dos quais podemos de antemão dizer que neles nada de bom irá crescer. Na Bíblia, encontramos tanto a interpelação para examinarmos «de quem é o espírito» que nos é oferecido, como o aviso de que é extraordinariamente difícil a distinção entre «o joio e o trigo»; no fim de contas, tal tarefa é para nós, mortais, insolúvel e sobrepuja a nossa capacidade de juízo.

Que posso, pois, fazer? Expor «ao teste de S. Martinho» a minha fé e o que me é proposto para a fé. Não acredito em deuses nem em religiões que dançam neste mundo sem serem afetados pelas suas feridas – sem arranhaduras, sem cicatrizes, sem queimaduras –, que assim exponham, prazenteiramente, na atual feira das religiões, apenas a sua radiosa gentileza.

A minha fé só pode alijar o fardo da dúvida e experimentar a certeza íntima e a tranquilidade do estar-em-casa, se percorrer o íngreme e difícil «caminho da cruz», quando se orientar para Deus através da estreita “porta das chagas de Cristo”; se caminhar pela porta dos pobres, pela porta dos feridos, que os ricos, os saciados e os seguros de si mesmos, os conhecedores e «os videntes», «os

sãos», «os justos», «os sábios e os precavidos» não conseguem transpor, tal como um camelo não passa pelo fundo de uma agulha.

O apóstolo Tomé, à vista do Ressuscitado, terá sido realmente liberto, para sempre, de todas as suas dúvidas, ou, pelo contrário, ter-lhe-á Jesus mostrado, “pelas suas chagas”, o único lugar em que aquele que busca e o que duvida podem efetivamente “tocar Deus”? Foi este o pensamento que aquele dia em Madrasta me sugeriu.

O meu colega indiano, padre católico e professor de Estudos da Religião na Universidade de Madrasta, levou-me, na tarde quente desse mesmo dia, ao lugar onde o apóstolo Tomé, segundo a lenda, foi torturado até à morte, e, depois, a um orfanato católico, à distância apenas de alguns passos.

Nas minhas viagens à Ásia, África e América do Sul, antes e depois, fitei, de muito perto, a miséria. Conheço, graças à minha prática clínica e ao uso do confessional, a pobreza moral, o sofrimento oculto dos corações e os recessos sombrios dos destinos humanos. Visitei «o monte do Calvário da nossa época», os campos de concentração do nacional-socialismo e do comunismo, Hiroshima e o Ground Zero, em Manhattan, lugares onde, na imaginação e na ideia, continua a estar viva a memória da violência criminosa, que ali foi perpetrada – mas nunca esquecerei o orfanato de Madrasta.

Em berços, que mais faziam lembrar gaiolas de aves, jaziam criancinhas abandonadas com barrigas inchadas pela fome, pequenos esqueletos, revestidos apenas de uma pele negra, muitas vezes inflamada; nos corredores, que pareciam intermináveis, miravam-me, em toda a parte, os seus olhos febris e estendiam-me as palmas das mãos cor-de-rosa. O ar cortou-me a respiração, no meio do fedor e do choro senti um mal-estar psíquico, físico e moral; vi-me sufocado e tolhido por um sentimento de impotência e de intensa vergonha, que, às vezes, se experimenta em face de quem sofre, só porque temos uma pele saudável, uma barriga cheia, uma cama limpa e um teto sobre a cabeça. Receoso, quis sair dali (e não apenas dali), tão depressa quanto possível, com os olhos e o coração aferrolhados e ausentes; lembrei-me novamente das palavras de Ivan Karamazov, que queria «devolver» a Deus o «bilhete de entrada» para um mundo onde as crianças sofrem.

Mas justamente naquele momento irrompeu em mim, vinda das profundezas, a frase: «Toca nas chagas!» E ainda: «Chega cá o teu dedo! Olha as minhas mãos e estende a tua e põe-na no meu lado.»

De repente, abriu-se-me de novo a história do apóstolo Tomé, tirada do Evangelho de João, que eu lera, na missa da manhã, junto do túmulo do «padroeiro dos cétricos». Jesus identificou-se com todos os pequeninos e com os que sofrem – assim todas as feridas dolorosas, todo o sofrimento do mundo e da humanidade, são «as chagas de Cristo». Crer em Cristo, poder dizer «meu Senhor e meu Deus», só posso fazê-lo se tocar nestas suas feridas, de que também o nosso mundo está, hoje, cheio. Caso contrário, só em vão e sem sentido clamarei «Senhor, Senhor!».

Decerto, nenhum de nós se deve considerar como o Messias, que poderia curar todas as feridas do mundo; de resto, nem sequer Ele o fez durante o tempo terreno da sua atividade – e também não tentou isso. Devemos até resistir à tentação que, frequentemente, arrebatava e arrasta para a “magia” dos esforços revolucionários de fazer «das pedras pães». Mesmo que honestamente tentemos fazer tudo o que está nas nossas forças e possibilidades, só conseguimos remar um pouco contra as ondas iminentes do oceano da miséria, que demole uma parte cada vez maior do nosso continente. Apesar de tudo, não devemos fugir das feridas do mundo e virar-lhes as costas, temos, ao menos, de “vê-las e tocar” nelas, e deixarmo-nos “agarrar” por elas. Se eu ficasse indiferente, insensível, incólume perante elas – como poderia, então, confessar a fé e o amor a Deus, que não vejo? Por que então, efetivamente, não o veria!

Ali, em Madrasta, tornou-se-me, para sempre, óbvio o seguinte: não tenho o direito de professar a fé em Deus, se não tomar a sério o sofrimento dos meus próximos e vizinhos. Uma fé que prefere fechar os olhos perante a dor humana é apenas uma ilusão ou ópio; perante tais tipos de religião, Freud e Marx tiveram razão com a sua crítica!

Mas uma coisa é ainda muito importante: Na percepção da dor que há no mundo, não podemos centrar-nos apenas nos «problemas sociais», mesmo que este tipo de sofrimento brade, com razão, à

consciência moral do mundo e de cada um de nós, e a sua voz não deva deixar de se ouvir. Mas nem por um só instante nos é permitido pensar que «levaremos a cabo» esta tarefa vital, se contribuirmos para as atividades caritativas em África, se dermos uma esmola a um mendigo ou se, nas escolhas de programas políticos, votarmos com acentos sociais, embora isto seja deveras importante. Mas não basta: há ainda muitas outras dores ocultas no íntimo dos homens, à nossa volta. E também não damos pelas feridas ainda abertas e por sarar em nós próprios: se as reconhecermos, e também à sua cura, contribuimos igualmente para a «cura do mundo»; é este até, por vezes, um pressuposto necessário para nos apercebermos, com sensibilidade, da dor dos outros e podermos ajudá-los.

Naquela tarde, em Madrasta, outra coisa ainda chamou a minha atenção: possivelmente, as dúvidas do apóstolo Tomé eram de um tipo muito diferente das que nós – netos da época cientificista e positivista – padecemos de vez em quando e que, apressados, projetamos nesta história; o Apóstolo não era, provavelmente, um «materialista» lerdo e pesadão, incapaz de se abrir ao mistério que não conseguia «apreender».

Tomé era um homem disposto a seguir o seu Mestre até ao fim mais acerbo e difícil; lembremo-nos de como ele reagiu às palavras de Jesus quando, na altura, se tratava de ir ter com Lázaro: «Vamos, e morramos com Ele!» Tomou a sério a cruz, e a notícia sobre a ressurreição afigurou-se-lhe talvez como um «happy-end» demasiado fácil para a história da paixão de Jesus. Talvez por isso se tenha recusado a aderir à alegria dos outros Apóstolos; e quis, por conseguinte, ver as chagas de Jesus. Quis ver se «a ressurreição» não esvaziava a cruz – só então pôde pronunciar o seu «creio». Terá, porventura, o «incrédulo Tomé» captado, no fim de contas, o sentido do evento pascal mais profundamente do que os outros?

«A incredulidade de Tomé é mais útil à nossa fé do que a fé dos discípulos que acreditam», escreveu o papa S. Gregório Magno, na homilia sobre este texto evangélico.

Jesus aproxima-se de Tomé e mostra-lhe as suas chagas: vê, o sofrimento – seja ele qual for – não se apagou nem foi esquecido! As feridas permanecem feridas. Mas aquele que «tomou sobre si as nossas doenças» transpôs também, na obediência, as portas do inferno e da morte, e doravante (in compreensivelmente) está aqui connosco. Mostrou-nos assim que «o amor tudo suporta»; que «nem as águas caudalosas conseguirão apagar o fogo do amor, nem as torrentes o podem submergir», porque «forte como a morte é o amor» – e até mais forte do que ela. O amor, à luz deste evento, surge como um valor que não devemos remeter para a esfera do sentimentalismo; indica uma força – a única força que sobrevive à própria morte e que, com as mãos trespassadas, arromba as suas portas.

A ressurreição não é, pois, nenhum «happy-end», mas um convite e um desafio: não devemos e não podemos capitular perante o fogo do sofrimento, mesmo se agora não conseguimos extingui-lo. Frente ao mal, não podemos comportar-nos como se a última palavra houvesse de lhe pertencer. Não tenhamos medo «de acreditar no amor», mesmo onde, segundo todos os critérios do mundo, ele perde. Tenhamos a coragem de apostar na loucura da cruz contra «a sabedoria deste mundo»!

Talvez Jesus, ao reacender a fé de Tomé pelo toque nas chagas, tenha querido que ele dissesse justamente o que para mim, como que atingido por um raio, se tornou claro no orfanato de Madrasta: Onde tu tocares no sofrimento humano – e talvez só aí! – ficas a saber que eu estou vivo, que «Eu sou». Encontras-me por toda a parte onde os homens sofrem. Não fujas de mim em nenhum destes encontros. Não tenhas medo! Não sejas incrédulo, mas crê!

Deus, o Senhor da Antiga Aliança, apareceu a Moisés na sarça-ardente; o seu Filho unigénito, nosso Senhor e Deus, aparece no fogo do sofrimento, na cruz; e só entendemos a sua voz, quando tomamos sobre nós a nossa cruz e estamos preparados também para carregar com o fardo dos outros; só então as cicatrizes do mundo – as suas cicatrizes – se tornam para nós uma interpelação.

Esta transcrição omite as notas de rodapé.

<http://www.snpcultura.org>

Publicado em 16.03.2015